

A construção do “vazio”: uma experiência ancorada na teoria da aprendizagem significativa

The construction of the “void”: an experience anchored in the theory of meaningful learning

La construcción del “vacío”: una experiencia anclada en la teoría del aprendizaje significativo

Ricardo Ruiz Martos, mestre e doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e do Centro Universitário Belas Artes.

E-mail: ricardo.martos@mackenzie.br  <http://orcid.org/0000-0001-8216-329X>

Julio Cezar Bernardes Pinto, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

E-mail: julio.bernardes@mackenzie.br  <http://orcid.org/0009-0000-2928-8966>

Para citar este artigo: MARTOS, R. R.; BERNARDES, J. C. A construção do “vazio”: uma experiência ancorada na teoria da aprendizagem significativa. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 15-31, 2024.

DOI 10.5935/cadernospos.v24n2p15-31

Submissão: 2024-03-16

Aceite: 2024-07-31

Resumo

Este artigo procura estabelecer relações observadas entre a teoria da aprendizagem



significativa de Ausubel (1968) e a trajetória do Ateliê de Projeto ocorrido na sexta etapa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie. O conceito definido como “subsunçor” ou “ideia âncora”, presente na teoria mencionada, é associado à construção do “vazio” e do espaço público como sendo os elementos articuladores mais relevantes dentre os utilizados na condução didática do exercício. Dividido em três partes, o texto apresenta inicialmente a trajetória recente das transformações ocorridas no exercício acadêmico em questão, destacando como principal ponto de inflexão a consumação do espaço não construído como delineador principal do encaminhamento dos raciocínios e enunciados, em detrimento do edifício como objeto isolado. Em seguida, são apresentadas as teorias e conceitos presentes na obra de Ausubel, além das possibilidades didáticas trazidas por essa associação de teoria, conceito e exercício acadêmico aplicado. Entende-se, neste momento, que há uma relação de conhecimentos prévios tanto docentes quanto discentes que podem ser unificados, revigorando a relação didática entre as partes. Ao final, será apresentada uma análise gráfica de alguns trabalhos discentes produzidos recentemente, o que procura ilustrar o raciocínio exposto, assim como a qualidade dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Espaço público; Aprendizagem significativa; Desenho urbano; Vazio urbano; Interstício.

Abstract

This article establishes relationships between Ausubel's theory of meaningful learning (1968) and the trajectory of the Design Workshop during the sixth stage of the Mackenzie School of Architecture and Urbanism. The concept defined as “subsumer” or “anchor idea,” present in the mentioned theory, is associated with the construction of “void,” the public space as the most relevant articulating element among those used in the didactic conduct of the exercise. The text is organized in three parts. Initially presents the recent trajectory of transformations that occurred in this academic exercise, highlighting as the main turning point the consummation of the unconstructed public space as the principal delineator of the reasoning and statements, to the detriment of the building as an isolated object. Then, it presents the theories and concepts in Ausubel's work and the didactic possibilities of this association of theory, concept, and applied academic exercise. It is understood that a relationship of prior knowledge between teachers and students can be unified by invigorating the didactic relationship between the parties. Finally, it presents graphical analyses of the student works from the last years of the exercise's production to illustrate the exposed reasoning and some results.

Keywords: Public space; Meaningful learning; Urban design; Urban void; Interstice.

Resumen

Este artículo establece relaciones entre la teoría del aprendizaje significativo de Ausubel (1968), y la trayectoria del Taller de Proyecto en la sexta etapa de la facultad



de Arquitectura y Urbanismo Mackenzie. El concepto definido como “subsunoeres” o “idea ancla”, presente en la teoría mencionada, se asocia a la construcción del “vacio”, al espacio público como el elemento articulador más importante entre los utilizados en la conducción didáctica del diseño. En tres partes, el texto inicialmente presenta la trayectoria reciente de transformaciones ocurridas en este ejercicio académico, destacando como principal punto de inflexión la consumación del espacio no construido público como delineador principal de los razonamientos y enunciados, en detrimento del edificio como objeto aislado. A continuación, se presentan las teorías y conceptos presentes en la obra de Ausubel y las posibilidades didácticas traídas por esta asociación de teoría, concepto y ejercicio académico aplicado. Se entiende que existe una relación de conocimientos previos tanto de docentes como de discentes, que pueden ser unificados revigorizando la relación didáctica entre las partes. Al final, se presentan análisis gráficos sobre los trabajos discentes de los últimos años de producción del ejercicio, que buscan ilustrar el razonamiento expuesto, así como algunos de los resultados obtenidos.

Palabras clave: Espacio público; Aprendizaje significativo; Diseño urbano; Vacío urbano; Intersticio.

INTRODUÇÃO

O ateliê de projeto que ocorre na sexta etapa do curso da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ao longo dos últimos anos, tem adotado como temática a construção do vazio urbano e, para a viabilização de tal conceito, apoia-se também na ideia do edifício de múltiplos programas. Essa abordagem implicou consideráveis transformações no encaminhamento teórico e prático do exercício, sendo a mais significativa associada à ideia do “vazio”, ou da criação do interstício, isto é, ao desejo de se construir um espaço público vivo e dinâmico, que refletiu diretamente na relação de ensino e aprendizagem, possibilitando novas perspectivas formativas tanto para docentes quanto para discentes.

Entende-se aqui que, a partir do momento em que o exercício passou a considerar o espaço público como um elemento protagonista no processo do desenho urbano, desencadeou-se uma sequência de mudanças que aproximaram as ações didáticas do ateliê à teoria da aprendizagem significativa apresentada por David Ausubel (1968). Este artigo pretende então demonstrar, por uma descrição da trajetória do exercício e resultados recentes, a importância didática trazida pela inserção do espaço público como elemento articulador principal da componente curricular em questão, tanto em seus aspectos teóricos quanto práticos, e a relação percebida com conceitos presentes na teoria de Ausubel.

Inicialmente será apresentado um breve histórico do processo de abordagem do exercício, o qual descreverá os principais pontos de inflexão que alteraram a sua trajetória recente. Os novos conceitos de desenho urbano aplicados ao



exercício potencializaram as discussões a respeito do valor dos espaços coletivos e dos vazios ativos, em contrapartida ao objeto isolado e totalmente privativo, comumente adotado.

Em seguida, descreveremos sucintamente os principais conceitos que definem a aprendizagem significativa e, para tanto, apoiaremos nossas reflexões em dois autores: David Ausubel, citado anteriormente, e Marco Antonio Moreira. Das considerações apresentadas por Moreira (2010) e Moreira em coautoria com Masini (1982), interessa-nos, particularmente, o esclarecimento do conceito originário de Ausubel denominado “subsunção” ou “ideia âncora”.

Para finalizar, com o objetivo de compreender e verificar a importância dos conceitos descritos, serão apresentados alguns trabalhos desenvolvidos por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo do sexto semestre da Faculdade de Arquitetura Mackenzie. Tal apresentação tem o intuito de observar a validade das considerações que balizaram o processo projetual, que tem como ideia âncora o desenho do espaço público, mais precisamente do vazio urbano, já que este, de alguma maneira, está presente no nosso inconsciente coletivo. A compreensão da abrangência da ideia âncora fez com que docentes e discentes ampliassem sua capacidade de comunicação e caminhassem numa mesma direção, um fato muito positivo que alterou o estímulo e o interesse das pessoas envolvidas no processo.

A trajetória do exercício acadêmico

A componente curricular Ateliê de Projeto VI: Tecnologia corresponde à sexta etapa do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-Mackenzie. Voltada ao exercício projetual, o enfoque da disciplina, tradicionalmente, sempre esteve vinculado à construtibilidade do edifício. Nesse sentido, a relevância do projeto sempre esteve associada à compreensão e desenho do objeto arquitetônico. Questões relativas à sua inserção urbana, ou ao estabelecimento de certas relações contextuais, naquele momento, eram ignoradas; em contrapartida, prevaleciam as questões técnicas, o que por si só tem um valioso significado no processo de aprendizado, afinal, o conhecimento técnico construtivo faz parte da formação no campo da arquitetura. Contudo, a partir de certo momento, a simplificação dessa abordagem acabou gerando certo esgotamento e, dessa forma, a discussão urbana passou a ser envolvida no processo de ensino do projeto.

Vários são os teóricos – Cullen (1986 [1961]); Argan (2000 [1964]); Rossi (1995 [1966]) e Rowe e Koetter (1981 [1978]) – que defendem a ideia de que ao desenharmos qualquer edifício estamos também desenhando a cidade. Dentro desse princípio, passou-se a reconhecer que a inserção do edifício no território é uma questão primordial, e que deve ser considerada no processo de concepção do espaço arquitetônico e urbanístico. Tal atitude alterou completamente a relação entre os envolvidos no exercício projetual; docentes e discentes passaram a compreender o novo desafio como algo bastante estimulante. Nesse processo de mudança, também foi considerado o fato de que a discussão relativa ao espaço



urbano circundante estabelecia uma conexão teórica com a sequência de ensino do Ateliê de Projeto, já que na etapa seguinte, sétima etapa, a abordagem está balizada pela leitura e análise do espaço urbano, para posteriormente se chegar à proposição programática do objeto arquitetônico.

Consequentemente, esta nova abordagem exigiu uma consistente revisão de conteúdo, o que levou à adoção de distintos conceitos capazes de orientar o processo de desenho do espaço. Nesse caso, cabe ressaltar a distinção entre dois importantes elementos: a morfologia e a tipologia. O primeiro refere-se ao desenho da implantação propriamente dita, da relação espacial a ser estabelecida com o entorno imediato, ou seja, é resultado da análise dos fluxos, entre outros condicionantes; o segundo refere-se ao desenho do edifício propriamente dito, ao elemento arquitetônico que se verticaliza a partir do desenho morfológico.

A partir da compreensão dos dois elementos citados (morfologia e tipologia), foram incorporados alguns conceitos ao repertório, os quais se apresentam como condição mínima para o desenvolvimento do exercício. No que se refere à tipologia, podemos citar: diversidade programática, sobreposição de usos, fachada ativa, diversidade tipológica e conexão. Já no que se refere à morfologia, poderíamos citar: densidade, fruição pública, percepção ativa e o desenho do vazio, do “entre”. Este último é considerado a questão mais relevante quando se trata da configuração do espaço público, o que merece uma abordagem específica.

O desenho do vazio, do espaço intersticial, configurado pela disposição dos elementos tipológicos, passou a ser o elemento condutor da transformação metodológica proposta no curso. Seu uso, de caráter eminentemente coletivo, tem a capacidade de agregar as pessoas e de proporcionar encontros capazes de alterar as relações interpessoais, transformando o espaço público num lugar carregado de surpresas e emoções. Assim sendo, a configuração desse espaço ganha protagonismo e evidência. O objetivo do exercício não é mais somente a busca por um belo edifício, resolvido com todo o rigor técnico que merece, mas também o estabelecimento de um lugar propício ao encontro das pessoas. Além do uso, como elemento potencializador do lugar, destaca-se também a importância e o valor da questão da “escala”, que não pode deixar de ser considerada. A escala é a responsável pela justa medida entre as pessoas e o espaço construído, o que estabelece um alto grau de afinidade entre ambos, o que Yi-Fu Tuan (1980) definiria como “topofilia”. O tratamento, ou o desenho dos elementos que compõem o vazio, também deve ser considerado, pois participa ativamente do processo de reconhecimento e apropriação do lugar. Nesse sentido, a linguagem dos elementos paisagísticos adotados cumpre um papel fundamental, sejam eles a vegetação, os calçamentos, os mobiliários urbanos, os equipamentos urbanos, a iluminação pública etc.

À luz das considerações apresentadas, reafirma-se que a nova condição proposta para o exercício projetual a ser desenvolvido na sexta etapa do curso de Arquitetura e Urbanismo tem como elemento protagonista, ou “ideia âncora”



(Ausubel, 1968), o desenho do vazio. Toda a reformulação foi guiada a partir dessa premissa teórica. A partir desse momento, conforme mencionado, o espaço público adquire um distinto valor conceitual até então ofuscado, ou obscurecido, pela ideia do edifício objeto.

Pode-se afirmar que o vazio, entendido como um lugar essencialmente público, e, portanto, presente no inconsciente coletivo de todas as pessoas, é capaz de despertar o interesse do corpo discente pelo simples fato de compor as experiências vivenciadas em seu cotidiano. A cidade, como o lugar comum às nossas atividades humanas (Lynch, 1984 [1960]), nos apresenta infinitas situações que afetam nosso comportamento, nossas ações e nossos atos. A consciência desse processo perceptivo e comportamental direcionou as ações didáticas para um novo caminho teórico e conceitual, alterando o entendimento e o enfoque acerca do exercício proposto. O reconhecimento da experiência urbana vivenciada como algo capaz de fazer com que as pessoas envolvidas no processo do desenho urbano se interessem pelos valores relativos à realidade imposta é de fundamental importância para se criarem novos estímulos, uma vez que a análise e a compreensão da realidade, com base na experiência acumulada, têm o poder de romper os possíveis distanciamentos entre as expectativas e o desenho.

Outros dois fatores também contribuíram para a aproximação do exercício proposto à realidade urbana considerada. O primeiro está relacionado à aprovação do Plano Diretor de São Paulo, ocorrida em 2014. Até então, as diretrizes e os conceitos adotados no exercício, por se tratarem de uma proposição teórica, não encontravam respaldo na legislação da cidade, o que se alterou com os preceitos existentes no novo plano de São Paulo, que se tornou, inclusive, uma referência conceitual para planos diretores de outras cidades. O segundo fator está associado à integração horizontal interdisciplinar, o que estabeleceu uma frutífera contribuição entre as disciplinas teóricas e projetuais. Tal situação fez com que houvesse uma evidente aproximação entre as componentes de Estúdio de Urbanismo, Paisagismo, Teoria e História, e Conforto Ambiental. Particularmente, a relação entre as componentes Estúdio de Urbanismo e Ateliê de Projeto Arquitetônico, entre outras questões, implicou a definição de um lugar comum para o desenvolvimento do exercício, assim como as diretrizes urbanísticas que norteiam as decisões projetuais, por exemplo, a necessidade de se estabelecerem proximidades a um modal de transporte intermunicipal.

Por fim, destaca-se também o caráter extensionista adquirido pelo exercício por meio da chamada Oficina de Integração e Contextualização, que ocorre no início de cada semestre desde 2021, na qual são apresentadas as demandas específicas das cidades em que serão desenvolvidas as experiências projetuais. Tanto discentes quanto docentes tomam contato com gestores públicos e representantes da sociedade civil, que apresentam solicitações, legislações específicas e cenários desejados, que, por sua vez, incorporam-se ao exercício acadêmico. Ao final do semestre, são realizadas as devolutivas com a apresentação dos resultados pelos discentes do curso. As experiências mais recentes ocorreram em cidades



implantadas ao longo da linha Coral 11 da CPTM, entre elas Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba e Suzano. A condição básica para a escolha da área objeto de intervenção é que esta esteja localizada nas proximidades de estações de trem ou metrô de seus respectivos municípios.

Aprendizagem significativa: o espaço “intersticial” como “ideia âncora”

A teoria da aprendizagem significativa, de David Ausubel (1968), pareceu elucidar o que, até então, se tratava de uma observação empírica por parte dos docentes, de que houve uma mudança de ambiente no Ateliê de Projeto 6 a partir da inserção do espaço público como eixo articulador principal da condução do exercício. Marco Antonio Moreira, professor doutor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e um dos principais estudiosos da teoria de Ausubel, procura elucidá-la em seu texto “O que é afinal aprendizagem significativa”

Aprendizagem significativa é aquela em que idéias expressas simbolicamente, interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra; e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer idéia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (Moreira, 2010, p. 2).

Um dos principais conceitos apresentados por Ausubel (1968) é definido como “subsunçor” ou “ideia âncora”, que se trata de um conhecimento específico, existente previamente entre os conhecimentos de cada indivíduo, e que dá significado a um novo conhecimento que lhe é apresentado ou descoberto. Marco Antonio Moreira, ao descrever o conceito, complementa:

Tanto por recepção como por descobrimento, a atribuição de significados a novos conhecimentos depende da existência de conhecimentos prévios especificamente relevantes e da interação com eles. O subsunçor pode ter maior ou menor estabilidade cognitiva, pode estar mais ou menos diferenciado, ou seja, mais ou menos elaborado em termos de significado. Contudo, como o processo é interativo, quando serve de idéia âncora para um novo conhecimento, ele próprio se modifica adquirindo novos significados, corroborando significados já existentes (Moreira, 2010, p. 2).



Para Ausubel (1968), a estrutura cognitiva de cada indivíduo é formada por subsunçores previamente existentes que formam, entre si, um conjunto hierárquico particular. A hierarquia desses conhecimentos se organiza basicamente por utilização, isto é, uns estão sempre ativos, enquanto outros estão estáticos. O processo de atribuição de novos significados por contínua utilização do mesmo subsunçor gera, para o mesmo, novas camadas de compreensão e refinamento, que podem ser apropriadas por docentes e discentes em uma relação revigorada de ensino e aprendizagem.

De forma simplificada, utilizando essa linha de raciocínio associada ao exercício do Ateliê de Projeto 6, entende-se que todo indivíduo possui uma definição prévia de espaço público, advinda de experiências pessoais de convívio, utilização, observação etc. Há, por exemplo, um pré-julgamento individual relacionado à segurança possível nesses espaços, já que não podemos desconsiderar episódios relacionados à violência urbana.

Embora existam diferenças nesses filtros individuais, temos aqui um ponto de partida comum entre as partes, docentes e discentes, e é a partir dessa troca de experiências e argumentações, somadas às especificidades programáticas e dos locais onde ocorrerão os exercícios, que se dará um novo significado para esse conhecimento. O subsunçor espaço público se transforma e encontra uma intersecção nas definições prévias individuais, eliminando diferenças aparentes, solucionando inconsistências e ampliando os significados comuns.

O espaço público, na lógica recente do exercício, representa ainda mais a aplicação desse conceito, por funcionar claramente como a “ideia âncora” que encaminha as tomadas de decisão iniciais em busca do partido arquitetônico. Não se trata mais de solucionar apenas o edifício, muitas vezes genérico, repetitivo e desvinculado de um lugar, mas, sim, de solucionar um conjunto de elementos construídos e não construídos que se tornarão parte da cidade, permitindo que as histórias particulares de seus criadores se somem ao imaginário do espaço futuro. A submissão do partido arquitetônico à resolução do objeto isolado incorre, normalmente, no atendimento frio de um programa de necessidades que, na maioria das vezes, caricatura usuários e é predominantemente privativo; são deixados de lado aspectos mais sensíveis da cultura local, e, dessa forma, negadas dinâmicas de apropriação do espaço, paisagens e construções existentes no entorno, ou seja, eliminadas quaisquer relações com os elementos associados aos espaços públicos preexistentes.

A função do espaço público faz parte, talvez, do mais importante debate existente no campo de atuação em arquitetura e urbanismo nos dias atuais. Está na agenda global das cidades que se pretendem mais criativas e sustentáveis, nas alterações recentes de legislação urbana, na ideia de segurança e cuidado para com todas as faixas etárias e gêneros, na extensão da célula de moradia, no debate que envolve o digital e o analógico, entre muitos outros. Aqui, encontram-se possibilidades infinitas de interação docente e



discente, amparadas por conhecimentos e experiências divididas, comuns ou não, trazidas por filtros pessoais e por experiências de vida progressas.

Todo exercício que se propõe à realização de um edifício de múltiplos programas, com quantidade construtiva significativa, pressupõe soluções plásticas e técnicas a serem desenvolvidas. Há aqui, naturalmente, um conhecimento necessário que faz parte do conteúdo didático previsto, dada a complexidade das características tipológicas e programáticas que o edifício agrega. De maneira simplificada, podemos dizer que o espaço público e o desenvolvimento do objeto arquitetônico são os dois eixos articuladores que conduzem as ações didáticas do exercício, e ambos são essenciais para se alcançar o resultado pretendido

Se observarmos as características desses dois eixos articuladores ao longo da trajetória do Ateliê de Projeto 6, tornam-se claros os motivos do esgotamento do exercício apoiado apenas no desenvolvimento do objeto isolado. A condução dos conteúdos de aula, focados no desenvolvimento de um edifício complexo, torna-se naturalmente cansativa, pois requer um alto grau de concentração e compreensão de aspectos técnicos, muitas vezes, de difícil assimilação por parte de discentes ao final do 3º ano do curso de Arquitetura. Esse tipo de conteúdo, embora necessário e normalmente familiar a quem leciona, tende a ampliar a distância de comunicação entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Jacques Rancière, no livro *O espectador emancipado*, comenta:

É a própria lógica da relação pedagógica: o papel atribuído ao mestre é o de eliminar a distância entre seu saber e a ignorância do ignorante. Suas lições e os exercícios que ele dá têm finalidade de reduzir progressivamente o abismo que os separa. Infelizmente, ele só pode reduzir a distância com a condição de recriá-la incessantemente. Para substituir a ignorância pelo saber, ele deve sempre dar um passo à frente e repor entre si e o aluno uma ignorância nova (Rancière, 2014, p. 13).

O conteúdo didático necessário ao desenvolvimento do desenho do edifício é importante, imprescindível, mas torna-se repetitivo para quem ensina. Por natureza, trata-se de um conteúdo mais pragmático, determinado por normas, manuais técnicos, legislações, entre outros, e por todos esses motivos, não consegue variar muito sua narrativa. Isso faz com que existam limitações nesses conteúdos, quando associados à receptividade discente, já que se trata de informações postas, regras a serem cumpridas.

A adoção do espaço público como eixo articulador do processo projetual no exercício em questão alterou a dinâmica de ensino e aprendizagem e aproximou docentes e discentes por meio de uma narrativa mais humana, sensível, e comum a todas as partes envolvidas, ampliando as possibilidades didáticas



do exercício. Os novos conceitos agora abordados são mais tangíveis e estão presentes de maneiras diversas na vida pregressa de docentes e discentes, portanto, constroem, obrigatoriamente, relações específicas com os lugares onde serão implantados os edifícios. A distância “intelectual” entre as partes diminui na mesma medida em que a comunicação entre estas é ampliada pela união dos conhecimentos docentes e dicentes.

Considerações acerca da prática projetual

Com o objetivo de ilustrar o rebatimento da teoria evidenciada na prática do projeto, passaremos a apresentar alguns trabalhos desenvolvidos por estudantes da sexta etapa do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie. Os trabalhos refletem o rebatimento da teoria de aprendizagem exposta anteriormente, e sua interferência direta no resultado do desenho proposto pelo corpo discente. Um processo que se pretende ativo e estimulante.

Inicialmente, satisfazendo o caráter extensionista resultante da Oficina de Integração e Contextualização, e atendendo à diretriz urbanística de que o lugar objeto do exercício proposto deve localizar-se em regiões lindeiras a significativos modais de transporte público, pode-se observar que os trabalhos aqui apresentados foram desenvolvidos em áreas junto às estações de trem ou metrô de seus respectivos municípios. Posteriormente, gostaríamos de destacar o protagonismo, o valor e a relevância do vazio, ou do espaço intersticial, presente na proposição morfológica de cada proposta.

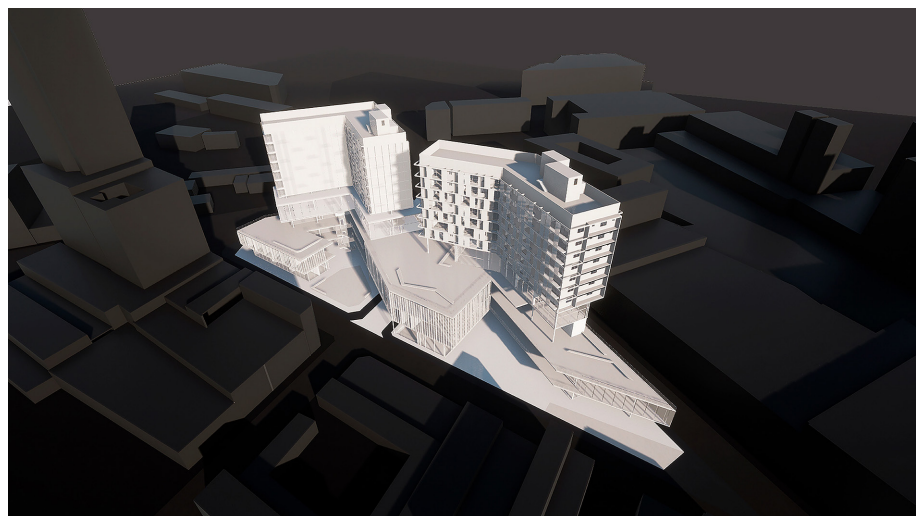
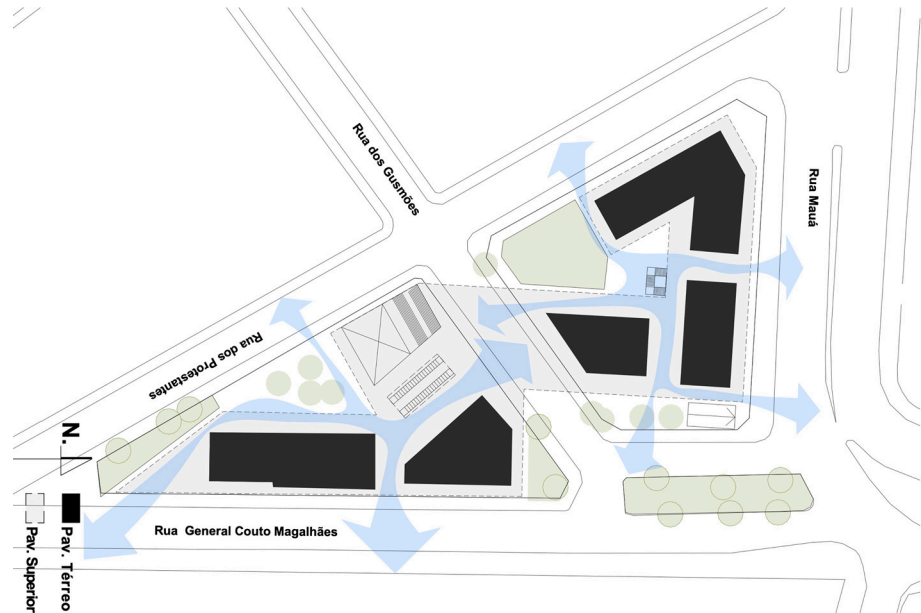
No intuito de evidenciar as intenções projetuais, de facilitar a leitura do partido arquitetônico delineada pelo desenho dos espaços não construídos, assim como o rompimento do limite dos lotes e a integração com a cidade existente, foram realizados novos desenhos que procuram a síntese dos elementos que compõem cada proposta.

Optou-se por um conjunto de informações que somam, em um mesmo diagrama, espaços construídos, não construídos, cobertos, descobertos, áreas verdes e eventuais posicionamentos de circulações verticais. A permeabilidade da quadra, dada pela circulação horizontal incentivada pelas estratégias de implantação de cada proposta, foi reforçada por uma demarcação de fluxo específica.

A estes novos desenhos somam-se, para cada proposta, perspectivas realizadas pelas estudantes que demonstram o resultado volumétrico do conjunto em sua totalidade, ou mesmo a evolução das volumetrias a partir dos raciocínios já expostos.



Autora: Stephanie Joy De la Torre Rodriguez
Ano: 2020_1º semestre
Orientador: Prof. Julio Bernardes



Figuras 1 e 2: Diagrama 1- espaços construídos, não construídos e cobertos, elaborado pelos autores. Perspectiva 1 - resultado volumétrico em modelo elaborado pela estudante.

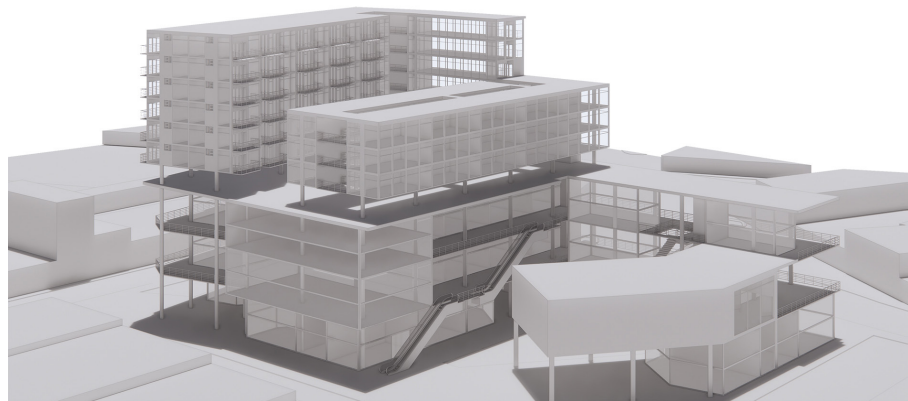
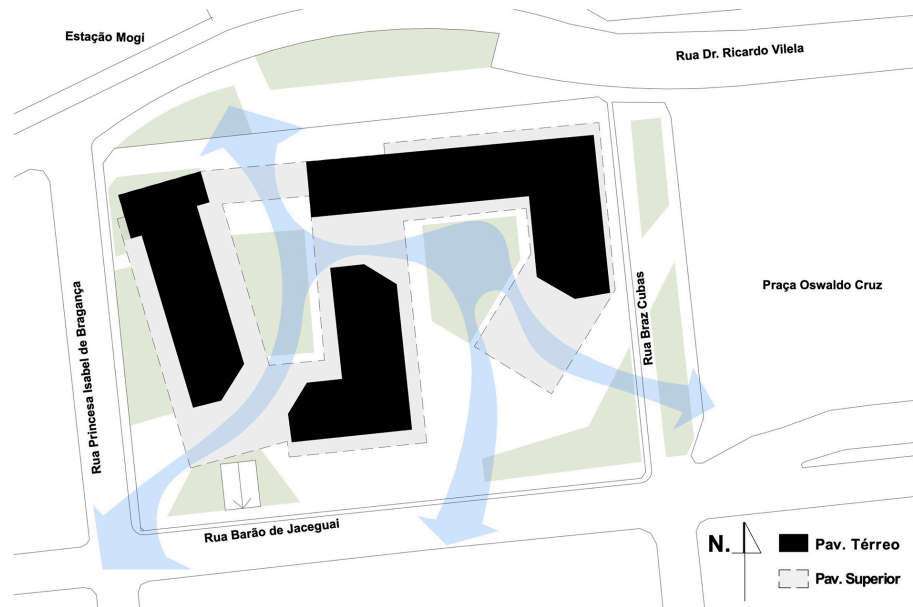
O projeto desenvolvido localiza-se na região central de São Paulo, próximo à Estação da Luz. O desafio inicial consistia em desenhar um complexo arquitetônico e urbanístico capaz de integrar e conectar os dois lotes, até o momento fragmentados pela Rua dos Gusmões. O resultado revela uma proposta extremamente sensível à condição do lugar, que valoriza e potencializa o espaço urbano, liberando a quadra para o exercício das atividades públicas e coletivas.



Autora: Ingrid Cialfi

Ano: 2021_1º semestre

Orientador: Prof. Ricardo Martos

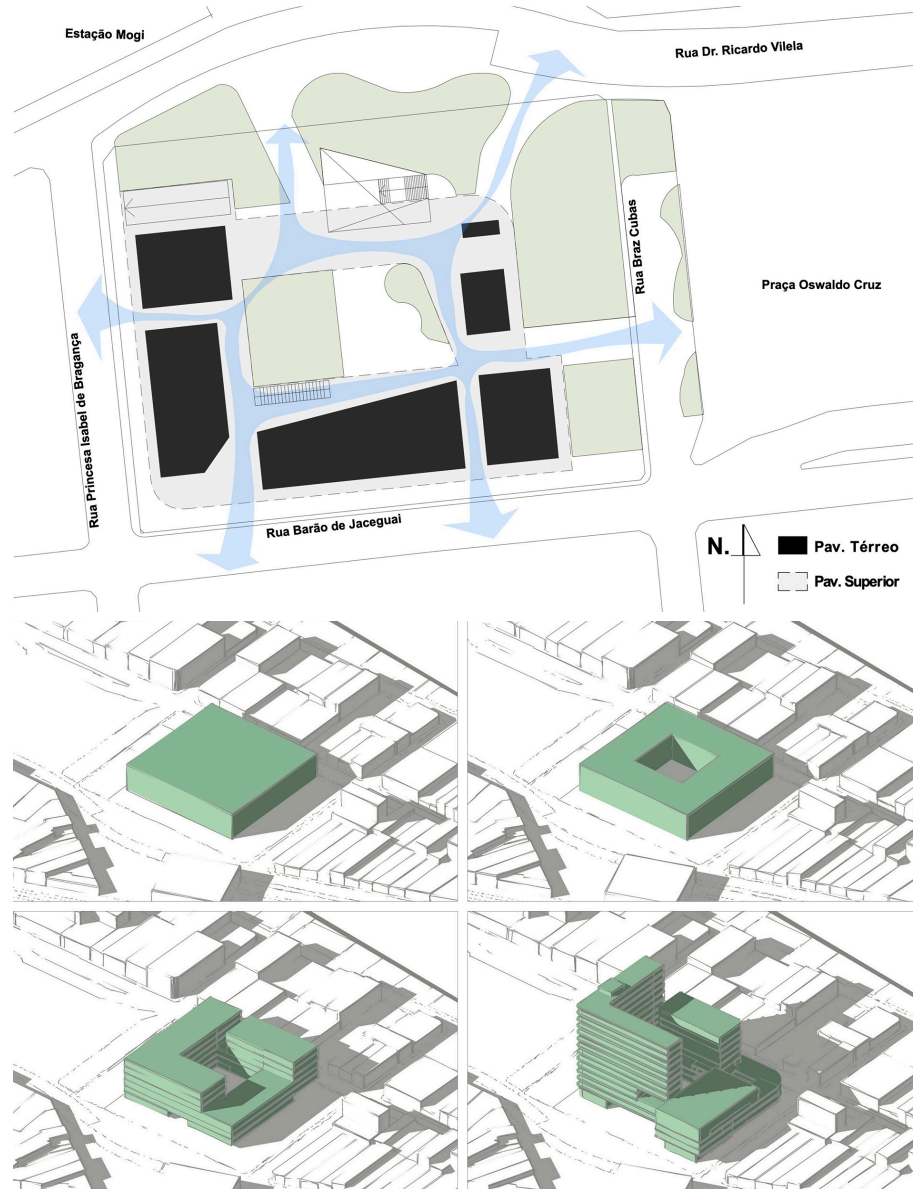


Figuras 3 e 4: Diagrama 2 - espaços construídos, não construídos e cobertos, elaborado pelos autores. Perspectiva 2 - resultado volumétrico em modelo elaborado pela estudante.

O projeto foi desenvolvido na cidade de Mogi das Cruzes, ao lado da estação de trem central da cidade. A proposta respeita claramente os limites das bordas do lote, contudo, tais limites são sutilmente fragmentados, o que resulta numa franca integração com a praça lindeira, criando assim uma situação intersticial bastante estimulante. A ideia do vazio configurado pela disposição da tipologia é bastante evidente. O programa adotado é uma resposta às solicitações apresentadas pelos representantes da administração municipal. O pavimento térreo, assim como o primeiro e o segundo, são destinados ao uso público.



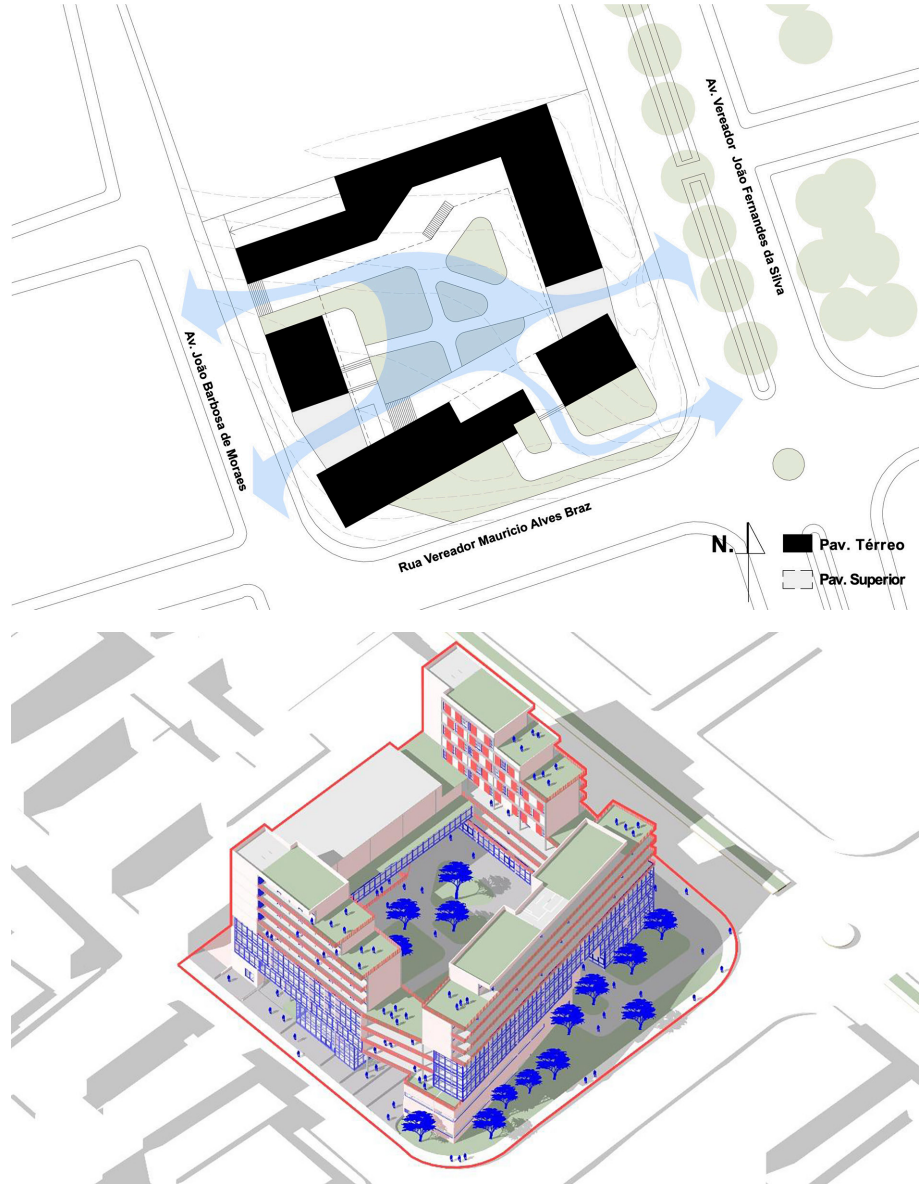
Autora: Maria Eduarda Pereira de Almeida
Ano: 2021_1º semestre
Orientador: Prof. Julio Bernardes



Figuras 5 e 6: Diagrama 3 - espaços construídos, não construídos e cobertos, elaborado pelos autores. Perspectiva 3 - evolução volumétrica em modelo elaborado pela estudante.

Este projeto foi desenvolvido na cidade de Mogi das Cruzes, no mesmo local da proposta anterior. Com base no memorial apresentado pela própria estudante, sua proposta tinha como "ideia âncora" a criação de um pátio central, o qual teria a finalidade de agregar as pessoas, portanto, de criar uma condição socializante. Além disso, evidenciou-se o desejo de se criarem percursos e caminhos capazes de estabelecer uma conexão positiva com o entorno imediato. A diversidade programática, condição básica do exercício, favorece o estabelecimento de um lugar ativo e atraente.

Autora: Eduarda Cerutti Savian
 Ano: 2022_2º semestre
 Orientador: Prof. Ricardo Martos

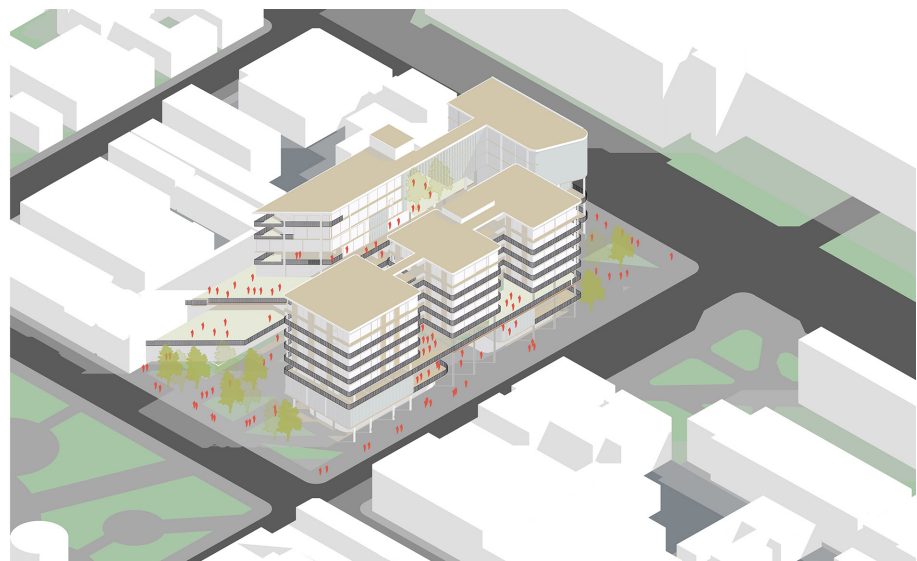
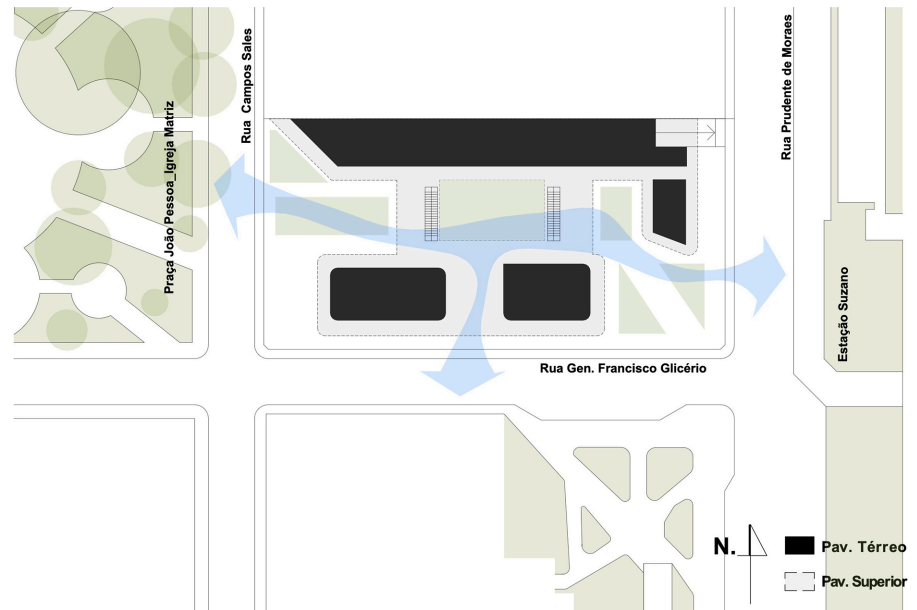


Figuras 7 e 8: Diagrama 4 - espaços construídos, não construídos e cobertos, elaborado pelos autores. Perspectiva 4 - resultado volumétrico em modelo elaborado pela estudante.

O projeto apresentado pela estudante foi desenvolvido na cidade de Itaquaquecetuba, em lote próximo à estação de trem. A “ideia âncora” que delinea o partido está associada à criação de uma praça central com o intuito de estabelecer um lugar com forte potencial agregador. Além dessa premissa, um desafio particular estava associado ao domínio da condição topográfica do lote, que apresentava um desnível de aproximadamente 5 metros. A proposta se insere no contexto de maneira a desenhar um ambiente plenamente articulado com a condição do lugar, evitando espaços neutros, sem significados. As bordas se articulam com grande sensibilidade à topografia preexistente.



Autora: Rachel Hara
Ano: 2023_1º semestre
Orientador: Prof. Julio Bernardes



Figuras 9 e 10: Diagrama 5 - coberturas, espaços construídos e não construídos, elaborado pelos autores. Perspectiva 5 - resultado volumétrico em modelo elaborado pela estudante.

O projeto desenvolvido pela estudante está localizado na cidade de Suzano, ao lado da estação de trem. De acordo com o memorial apresentado pela aluna, dois conceitos principais nortearam o encaminhamento de sua proposta: a quadra aberta e os chamados "olhos da rua", esses últimos definidos por Jane Jacobs (2000 [1961]). Tais elementos teóricos são claramente percebidos na composição do desenho. Surge assim um vazio linear que configura um potente lugar interno capaz de aproximar as pessoas e lhes proporcionar uma condição de convívio carregada de interesses. A diversidade programática garante a dinâmica dos acontecimentos urbanos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da teoria da aprendizagem significativa, de David Ausubel (1968), e mais particularmente, o conceito de “subsunção” ou “ideia âncora”, associados ao espaço público como elemento articulador do exercício projetual, trouxeram a reflexão sobre as possibilidades ampliadas de relação docente e discente, em uma perspectiva formativa para ambos.

A trajetória vivenciada pelos autores, docentes do Ateliê de Projeto na sexta etapa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, permitiu a observação de uma mudança de ambiente, que inspirou a elaboração deste artigo sobre os fatos que apoiaram esses acontecimentos. A perspectiva de maior presença e atuação discente nas ações didáticas não significa um enfraquecimento do papel docente, apenas revela que a identificação de um conhecimento específico, prévio, presente na estrutura cognitiva discente, pode qualificar significativamente a relação entre as partes, permitindo uma postura de ação de ensino mais coletiva nas componentes curriculares diversas. Isso parece possível de ser praticado, como estratégia, em qualquer momento da trajetória de graduação em Arquitetura e Urbanismo, guardadas e respeitadas as diferenças entre as etapas iniciais, intermediárias e de finalização.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, G. *Projeto e destino*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- AUSUBEL, D. *The psychology of meaningful verbal language*. New York: Grune & Stratton, 1963.
- AUSUBEL, D. *Educational psychology: a cognitive view*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- CULLEN, G. *Paisagem urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MOREIRA, M. A. *O que é aprendizagem significativa? Aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2010.*
- MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.



RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: GG, 1997.

ROSSI, A. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ROWE, C.; KOETTER, F. *Ciudad Collage*. Barcelona: GG, 1981.

SENNET, R. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

TUAN, Y. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

